

CEDI - P. I. B.
DATA 14 / 05 / 83
COD. PKD 59

1º Contato: 22/11/83

População: 137

EXPEDIÇÃO TARAKANÃ

FUNAI C. S. GAR.
2858
Município: ...
UF: ...

Senhor Diretor Executivo,

A expedição destinada a contactar o grupo indígena Tarakanã, foi constituída em função dos ataques que os Tarakanã efectuaram sobre os Araweté no MI Ipixuna. O primeiro ataque ocorreu no dia 23 de Fevereiro deste ano, ocasião em que o chefe do MI foi gravemente ferido por flechas. O segundo ataque foi a 24 de Abril também deste ano, ferindo duas índias e uma criança, também por flechas.

Sob a presença da situação, constituímos, em caráter de emergência a expedição para contacto, retirando da Frente Arara todos os elementos que a constituiram, excetuando apenas os quatro índios Tarakanã. Usamos também serviços, equipamentos e veículos da Frente Arara, fora os recursos postos a nossa disposição por Brasília. Apesar dos esforços para agilizar a montagem e partida da expedição, tudo funcionou lentamente de forma que iniciados os trâmites burocráticos logo após o primeiro ataque, a expedição só pôde partir no dia 14 de Junho, conforme nosso radiograma informativo. A solicitação dos recursos, as aquisições, remanejamento de pessoal e transportes, tudo isto, agravado por grandes distâncias, consumiram a maior parte do tempo. Para os aspectos burocráticos que normalmente atravessam uma ação rápida, emite de longa data, em nossa administração central, a tendência de, após 2 ou 3 dias, tratar as emergências como caso de rotina. O tempo é fator fundamental quando se pretende, através de uma expedição, contactar um grupo que após efetuar algum ataque, fatalmente irá desaparecer, deixando retida a região, evitando, inclusive, deixar vestígios e sinais de sua presença.

Ao apresentarmos os fatos acima descritos, temos a intenção de ressaltar que a natureza destes trabalhos requer simplificação/burocrática e agilização dos meios operacionais, particularmente no que concerne às situações conflituosas.

Quando traçamos o roteiro da expedição, pensávamos que, se os Tarananã habitavam como supunhamos a região norte dos matos que formam a Serra dos Carajás, deveriam necessariamente cruzarem algum ponto das cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, na sua trajetória de ida para atacar os Araweté no Igarapé Ipixuna. Mais tarde, quando a expedição atingiu as cabeceiras do Bom Jardim, tivemos confirmadas nossas suposições. Encontramos a picada na direção geral norte/sul, e sucessivos acampamentos de caça. Hoje, conhecendo melhor a região, podemos dizer que os contra-fortes norte da Serra dos Carajás é o local em que permanecer por mais tempo, devendo estar situada por aí suas aldeias.

Lamentavelmente ao depararmos com os primeiros vestígios, encontrávamo-nos com seis homens com malária, dois com diarreia e um impossibilidade de andar por ter deslocado o tornozelo. Fomos obrigados a retroceder ao nosso acampamento na foz do Bom Jardim/Xingú. Quando ali chegamos, fomos informados pelo rádio que índios Tarananã haviam sido avistados pelos Araweté, bem próximos ao PI Ipixuna. Deslocamos a expedição para o Ipixuna, onde após longa batida na área, verificamos não terem fundamento as informações. Retornamos ao Bom Jardim e prosseguimos com a expedição, subindo novamente até suas cabeceiras, local dos primeiros vestígios. Percorremos a região do divisor das águas do Bom Jardim, Ipixuna/ e lagoas do Bacajá (ver croqui anexo), encontrando muitos vestígios da presença dos Tarananã, porém, nenhum sinal recente que pudesse conduzir-nos ao contacto. A região percorrida é inóspita, sem água e de pouquíssima caça. Sua topografia plana facilitou o avanço, ao mesmo tempo que que uma mata compacta de cipóal e tabocal dificultava nossa andança, obrigando-nos a "cavar" verdadeiros túneis. A incidência de malária adoeceu novamente dois homens. Deixa-se a esta situação a necessidade de retornar ao acampamento do Monte Arara, cujos trabalhos junto ao rio e o grupo de

edto do Iriri foram paralizados a fim de liberar os componentes para formarem a equipe expedicionária, constituíram os motivos básicos para o nosso retorno. Após dois meses e vinte e sete dias de campanha, e haver percorrido um mínimo de 250 e um máximo de 280 Km, a expedição retornou a Almirante.

Desnecessário dizer que a situação dos Parakanã é bastante difícil. Cheios de tradicionais inimigos ao norte, e com pillares / de garimpeiros pressionando ao sul, têm poucas possibilidades de fixação. Ao nosso ver, temos duas formas de encarar o problema:

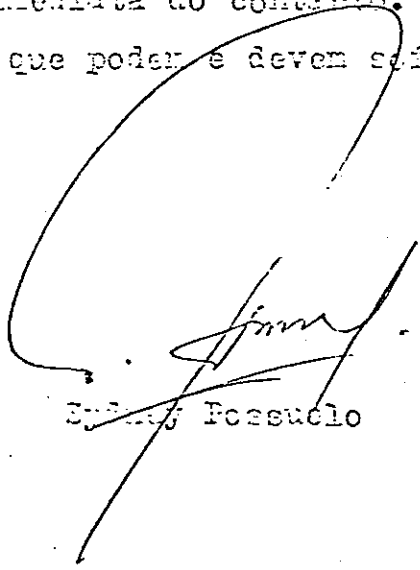
- 1ª - Aguardar novo ataque ou aparecimento do grupo em alguma fazenda ou garimpo, para reiniciar a tentativa de contacto através de nova expedição;
- 2ª - Constituir uma Frente de Atração para cuidar do contacto e os demais aspectos envolvidos.

A primeira, é praticamente não fazer nada, aguardando / simplesmente novos conflitos. A segunda alternativa parece-nos a mais correta. Todavia, é necessário que seja elaborada uma programação que, considerando todos os aspectos da questão, dê ênfase especial a um esquema de saúde para enfrentar os surtos de doenças que fatalmente ocorrerão. Somente o imponderável e furtivo ficarão na dependência de ações improvisadas.

O elevado índice de mortalidade após o contacto, independente da sua causa principal - a natural falta de imunidade orgânica / dos índios - tem ainda como fatores importantes, os seguintes aspectos:

- Falta de Programação
- Insuficiência de recursos
- Inexistência de esquema e pessoal de saúde para atendimento específico
- Inexperiência, descuido ou omissão

Em suma, queremos dizer que, uma Frente dotada de suficientes recursos e conscienciosamente conduzida, pode reduzir a quase zero os altíssimos índices de morte pós contacto, que através do tempo, tem sido a consequência imediata do contacto. Índices com os quais nos habituamos a lidar, e que podem e devem sofrer sensível redução, ou mesmo extinguir-se.



Sérgio Possuelo

Altamira, 09 de Setembro de 1983,

CROQUIS DA EXPEDIÇÃO AOS PARAKANÁ
JUNHO SETEMBRO DE 83

— BARRAGEM DE CASH
x x x PICADA DOS PARAKANÁ
... ... ROTAS DA EXPEDIÇÃO

